

**Bravo Nico**

PRÓ-REITOR DA UNIVERSIDADE DE ÉVORA
PARA O OBSERVATÓRIO DO DESENVOLVIMENTO DO ALENTEJO

A Geometria (Alentejana) do Desenvolvimento

Pensar, falar e promover o Desenvolvimento no Alentejo é um exercício de geometria particular. Nestes espaço e tempo geográficos, humanos e sociais em que o Alentejo vive, é absolutamente fundamental pensar-se e falar-se acerca do desenvolvimento, ao mesmo tempo que este vai acontecendo com as especificidades próprias e peculiares de cada canto desta grande região.

As questões relacionadas com o presente e futuro do desenvolvimento do Alentejo deverão basear-se numa séria, plural e participada reflexão, não só acerca da própria natureza da arquitectura conceptual de partida, como também do conjunto específico de circunstâncias locais em que o desenvolvimento acontece.

Na realidade, para lá da especificidade, eventualmente conhecida, do desenvolvimento alentejano, este não é homogéneo em toda a extensão do território. Este facto, aliado à natural e previsível evolução do contexto económico, político, cultural, educacional e ambiental do Alentejo, faz com que estejamos perante um processo de geometria duplamente variável: variável no tempo; variável nos contextos locais em que ocorre.

A construção de uma determinada cartografia - do presente e do futuro - do desenvolvimento alentejano é uma das principais finalidades estratégicas do ODA-Observatório do Desenvolvimento do Alentejo. A finalidade é escutar o Alentejo, através daqueles(as) que têm responsabilidades no presente e futuro da sociedade alentejana. Obviamente, escutar também a Universidade de Évora, instituição universal por definição, mas alentejana pela força da geografia, das convicções e dos afectos e pelas responsabilidades históricas que lhe cabem no desenvolvimento alentejano.

Este é o primeiro momento de interacção entre o ODA-Observatório do Desenvolvimento do Alentejo e a sociedade alentejana. Temos o privilégio de chegar a si através do Diário do SUL, autêntica instituição alentejana que, nas últimas três décadas, não só tem informado o Alentejo, como tem sido um exemplar e dedicado porta-voz das terras e gentes alentejanas.

Queremos agradecer a todos(as) aqueles(as) que nos quiseram dar a honra de colaborarem neste primeiro documento.

Concluiremos, referindo que o ODA também será aquilo que o Alentejo entender que ele seja. Gostávamos que este Observatório não fosse apenas um termómetro que vai medindo, com rigor, a temperatura do desenvolvimento da região alentejana, mas pudesse ser também um instrumento, através do qual a Universidade de Évora e o Alentejo suscitassem o próprio desenvolvimento deste terço de Portugal.

**António Serralheiro**

PRESIDENTE DO CONSELHO CIENTÍFICO
DA UNIVERSIDADE DE ÉVORA

A Universidade de Évora e o Desenvolvimento Regional

São missões ou objectivos que a Universidade sempre assumiu:

- criar e desenvolver o conhecimento, pelo estudo e pela investigação científica;
- criar na universidade um ambiente de cultura científica e humanista;
- transmitir o conhecimento, pelo ensino formal, graduado e pós-graduado, e pela extensão universitária;
- formar profissionais qualificados ao mais alto nível científico, tecnológico e humanista, para se inserirem no desenvolvimento da comunidade;
- prestar à comunidade, mediante contratos, serviços especializados e qualificados, contribuindo para o desenvolvimento económico e social.

A universidade tem, pela natureza do conhecimento que procura, desenvolve e transmite, uma vocação universalista. Está porém atenta e inserida na realidade local e regional, vive os problemas do desenvolvimento e contribui para a identificação e remoção dos estrangulamentos a esse desenvolvimento. É a sua forma mais directa de serviço à comunidade. Contudo, também as outras actividades, missões e objectivos referidos, sejam de investigação, de extensão ou de ensino, visam clara e directamente o desenvolvimento económico e social. Neste contexto, merecerá destaque, no caso da Universidade de Évora, o carácter aplicado e desenvolvimentista desde sempre presente em muitos dos projectos de investigação científica e tecnológica conduzidos pelos universitários. Trata-se de uma opção deliberada dos investigadores universitários, como forma de inserção na comunidade. Desta opção decorre, frequente e facilmente, a inserção dos jovens investigadores e estudantes em projectos de carácter aplicado ao desenvolvimento, designadamente ao regional e mesmo ao local. A maior parte dos artigos, teses e dissertações que se escrevem na UE reflectem esta preocupação de inserir o desenvolvimento científico e tecnológico no desenvolvimento económico e social.

São opções antigas da UE. Hoje, a universidade está confrontada com a diminuição de procura de alguns dos seus cursos pelos novos estudantes. Muita da capacidade de trabalho docente vai assim ficando disponível. A adaptação da universidade à nova situação, que se vai acentuar nos próximos anos, não pode ser outra que não acentuar a sua

vocação de universidade de pós-graduações e de serviços, direccionada para o desenvolvimento, designadamente o regional. Isso passará, nomeadamente, pelo aumento das actividades de investigação, dos contratos de prestação de serviços à comunidade, pela ligação a estas actividades da formação pós-graduada e pela adequação dos diversos ensinamentos às necessidades do meio.

**António J. Neto**

PRESIDENTE DO CONSELHO PEDAGÓGICO
DA UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Observar, longe de significar apenas ver ou olhar passivamente, pressupõe antes um pesquisa reflexiva e selectiva das características que distinguem as coisas ou os fenómenos. Quando a Universidade de Évora toma a decisão de pôr em marcha uma estrutura como o Observatório do Desenvolvimento do Alentejo (ODA), por certo que o faz com esse entendimento, consciente de que se está a envolver num empreendimento que é longe de ser simples, até por visar uma realidade intrinsecamente complexa, multidimensional e sistémica.

Para além disso, fá-lo num tempo em que o mito da observação objectiva é claramente posto em questão pelos quadros epistémicos contemporâneos, assumindo-se hoje que os factos observados vêm inexoravelmente marcados pelas contingências do observado e dos contextos em que está imerso. Isso significa que, para ter algum sucesso, terá a Universidade de se abrir a outros olhares interessados e comprometidos com essa problemática.

Observar o Alentejo implica tomar consciência de que se está a focalizar uma grande região de Portugal que, se bem que mantenha ainda no global, muito da sua identidade histórica social e cultural, possui valiosas especificidades locais, que é forçoso ter em conta. Tal pressupõe que os diálogos a que antes nos referíamos deverão envolver, em cooperação e convergência, todas as partes físicas, sociais e culturais que configuram o Alentejo, o que implica o estabelecimento de parcerias diversas e a saída da Universidade da torre de marfim em que, de algum modo, tem estado enclausurada, particularmente no que diz respeito à sua relação simbiótica com o Alentejo.

Por outro lado, também podemos, e devemos, ver o Alentejo como parte de totalidade sucessivamente mais vastas, como seja próprio país, a União Europeia e, afinal, mundo à escala global. Pensar na questão esta escala torna imperioso que a Universidade e com ela a região, evitem ficar aprisionadas nas malhas de eventuais fatalismos miserabilistas regionais, sendo antes capazes de estabelecer sinergias profundas e profícuas com aqueles outros macrosistemas.